



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em
história 2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história 2 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-907-3

DOI 10.22533/at.ed.073211903

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

O livro *Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História 2* está dividido em três volumes. Todos os capítulos tratam de temas relacionados à história do Brasil e ou geral.

Organizado em grandes temáticas, as obras trazem discussões sobre história, gênero e sexualidade; ensino de história em todos os níveis (educação infantil, educação básica e ensino superior); pesquisas historiográficas; capítulos sobre lutas pela terra no Brasil; estudos sobre gastronomia (brasileira e árabe); cinema; economia; imprensa; raça; memória; narrativas pessoais e estudos de personalidades; tecnologia; história e ciência, dentre outras temáticas.

Em suma a obra é uma grande possibilidade de descobrir o que se tem de novo e de velho na História, ou seja, os mais diversos trabalhos e temas pesquisados na historiografia.

No volume I encontramos artigos sobre o século XIX e XX no Brasil a respeito do nacionalismo, a construção da sociedade imperial e pensar a identidade nacional a partir de processos migratórios.

Além disto, capítulos dedicados a estudos com fontes de atas de conselhos em Sergipe, problematizações sobre o tráfico africano, fontes cinematográficas, testamentos e até mesmo fontes utilizadas para compreender o reinado de Ramessés III no Egito.

Por fim o primeiro volume se encerra com dois artigos sobre a Idade Medieval, um tratando de Beowulf e outro da Cocanha.

Já no volume II as temáticas mais amplas abarcam pesquisas sobre ensino de história, alguns trabalhos sobre história geral e também gastronomia. Iniciando com trabalhos sobre o PIBID e práticas avaliativas, o segundo volume traz capítulos que versam sobre a construção do processo ensino aprendizagem em História, refletindo sobre os desafios e algumas perspectivas. Além disto, um capítulo sobre a BNCC, atual e articulado às discussões presentes partindo da realidade posta na rede pública.

Em um segundo momento, o volume II traz amplas contribuições a respeito do ensino sobre a África em sala de aula bem como questões étnico-raciais e narrativas em disputa.

Seguindo o modelo do primeiro volume, este se encerra trazendo capítulos que versam sobre as mais diversas fontes de pesquisa em História, como arquivos públicos, periódicos, imprensa, literatura,

O livro termina com algumas reflexões a respeito da história da ciência e pesquisas sobre gastronomia.

O volume III dedica-se a reflexões sobre gênero em sala de aula, representações do feminino, o retrato da mulher na sociedade colonial brasileira, a insubmissão feminina e discursos contra hegemônicos e a sexualidade indígena. Este último capítulo faz a ponte com o tema seguinte: disputas sobre a terra no Brasil e na América do Sul.

Em seguida você encontra capítulos sobre religiosidade, sobre a arte de curar, história e memória e história oral. O livro encerra com artigos sobre a Ditadura civil militar no Brasil (1964-1985) e uma discussão sobre a esquerda brasileira.

Em suma, você tem em mãos três obras organizadas sobre os mais diversos campos, aspectos e áreas da historiografia brasileira e mundial. Aqui você encontrará capítulos que poderão contribuir para enlanguescer as pesquisas em História e também a partilha de experiências docentes nos mais diversos níveis de educação.

Espero que encontre nas leituras dos capítulos embasamento teórico metodológicos, amparo nas pesquisas e que esses capítulos contribuam para enriquecer o campo de ensino e pesquisa em História.

Agora que a profissão historiadora/historiador é regulamentada, precisamos investir ainda mais em pesquisas e divulgação destas pesquisas. Neste sentido a Atena Editora se compromete a dar visibilidade aos mais diversos temas que compõem esta obra dividida em três volumes.

Boa leitura!
Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

PROFISSÃO CONTÁBIL E PODERES PÚBLICOS: CONTABILIDADE DO SETOR PÚBLICO E PROFISSIONALIZAÇÃO (1914-1926)

Adelino Martins

DOI 10.22533/at.ed.0732119031

CAPÍTULO 2..... 14

INDÚSTRIA, TERRITÓRIO E CULTURA: UM ESTUDO DE CASO DO EMPRESARIADO NIPO-BRASILEIRO

Adriano Amaro de Sousa

DOI 10.22533/at.ed.0732119032

CAPÍTULO 3..... 29

VINCULAÇÕES ENTRE ESTADOS E NACIONALISMO, E SEUS CONCEITOS NOS SÉCULOS XIX E XX

Rafael Bassinello Paes de Barros

DOI 10.22533/at.ed.0732119033

CAPÍTULO 4..... 39

“EXCELLENTÍSSIMO CONSELHO”: ECONOMIA E SOCIEDADE EM SERGIPE DEL REY NAS ATAS DO CONSELHO DE GOVERNO DA PROVÍNCIA (1824-1831)

Damilis Silveira Viana

DOI 10.22533/at.ed.0732119034

CAPÍTULO 5..... 46

O FENÔMENO DO TRÁFICO E PROIBIÇÃO DE ENTORPECENTES NO BRASIL DE 1890 A 2020

Steven Adrian dos Santos

João Victor Mendes de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.0732119035

CAPÍTULO 6..... 56

“INFLUÊNCIAS POLÍTICO, SOCIAL E ECONÔMICA, ABSORVIDAS DURANTE O PENSAMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA OPÇÃO BRASILEIRA E IMPERIALISTA”

Luis Claudio Reginato Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.0732119036

CAPÍTULO 7..... 62

ALTERIDADE E RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS

Natalia Fioravanso Vieira Brizola

DOI 10.22533/at.ed.0732119037

CAPÍTULO 8..... 73

ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO CANADENSE NA REDE INTELECTUAL INDIGENISTA TECIDA EM TORNO DA REVISTA *AMÉRICA INDÍGENA*

(1942-1960)

Natally Vieira Dias

DOI 10.22533/at.ed.0732119038

CAPÍTULO 9..... 81

A CONFORMAÇÃO DA ESCASSEZ DE ÁGUA NA BACIA DO RIO SANTA MARIA, MUNICÍPIO DE DOM PEDRITO: UMA CONTRIBUIÇÃO DA HISTÓRIA AMBIENTAL

Paulo José da Fonseca Pires

Elaine Prochnow Pires

DOI 10.22533/at.ed.0732119039

CAPÍTULO 10..... 95

NOTAS SOBRE O CINEMA BRASILEIRO DA “HEGEMONIA NEOLIBERAL” - 1992-2015

Peterson Soares Pessôa

DOI 10.22533/at.ed.07321190310

CAPÍTULO 11 106

“DAVID GRIFFITH’S MASTERPIECE” E OS AFRO-AMERICANOS: UMA ANÁLISE ACERCA DA RECEPÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA NORTE-AMERICANA DA OBRA CINEMATOGRAFICA 'O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO'

Carlos Vinícius da Silva

Larieli Ceron de Lima

Marcos Alves de Souza

DOI 10.22533/at.ed.07321190311

CAPÍTULO 12..... 116

COMPREENDENDO O REINADO DE RAMESSÉS III PARA ALÉM DE MEDINET HABU: BREVE ANÁLISE DE TRÊS DOCUMENTOS ESSENCIAIS

Arthur Rodrigues Fabrício

DOI 10.22533/at.ed.07321190312

CAPÍTULO 13..... 134

A QUESTÃO DA EXPLICAÇÃO EM HISTÓRIA: A CRÍTICA DE WILLIAM DRAY AO MODELO NOMOLÓGICO-DEDUTIVO DE CARL HEMPEL

Jacquelyn da Silva Souza

Sara Albieri

DOI 10.22533/at.ed.07321190313

CAPÍTULO 14..... 141

A HISTÓRIA SERIAL NOS ESTUDOS SOBRE A MORTE: REFLEXÕES ACERCA DOS TESTAMENTOS PAULISTAS (1592-1639)

Victor Mauric

DOI 10.22533/at.ed.07321190314

CAPÍTULO 15..... 149

UM BALANÇO HISTORIOGRÁFICO SOBRE A PRESENÇA LUSITANA NO LESTE ASIÁTICO DO SÉCULO XVI

Marcus da Silva Dorneles

DOI 10.22533/at.ed.07321190315

CAPÍTULO 16..... 157

MAPEANDO O UNIVERSO DE BEOWULF: CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO E GÊNERO LITERÁRIO

Vinicius Tivo Soares

Jaime Estevão dos Reis

Giovanni Bruno Alves

DOI 10.22533/at.ed.07321190316

CAPÍTULO 17..... 168

A LITERATURA COMO FONTE HISTÓRICA: REPRESENTAÇÕES DO IMAGINÁRIO MEDIEVAL

Aline Ferreira Antunes

Flávia Cristina Paniago

DOI 10.22533/at.ed.07321190317

SOBRE A ORGANIZADORA..... 182

ÍNDICE REMISSIVO..... 183

CAPÍTULO 3

VINCULAÇÕES ENTRE ESTADOS E NACIONALISMO, E SEUS CONCEITOS NOS SÉCULOS XIX E XX

Data de aceite: 01/03/2021

Data de submissão: 12/12/2020

Rafael Bassinello Paes de Barros

Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP
Ouro Preto – MG
<http://lattes.cnpq.br/6774598576223652>

RESUMO: O presente capítulo propõe o estudo da história do conceito de nacionalismo na Europa Central e Oriental, levando em conta duas vertentes no emprego do conceito: (1) vinculação e desvinculação do Estado com a nacionalidade; e (2) o paradoxo tanto dos Estados imperialistas, quanto das minorias políticas, que, ao legitimarem seu Estado ou reivindicar um, discursam em prol de uma nação pura. Em termos metodológicos de pesquisa, emprega-se a análise do discurso, que se constitui no estudo da linguagem, que deve ser elaborado conjuntamente ao da sociedade que a produz, pois a linguagem é constituída nos processos histórico-sociais, pois não só os usuários da língua são parte integrante das estruturas sociais e dos agenciamentos coletivos, como a sua utilização por parte dos agentes possibilita a sua manutenção, renovação e agregação de termos novos ou ressignificados.

PALAVRAS-CHAVE: Nacionalismo, Estado, Nação, Estado-nação.

LINKS BETWEEN STATES AND NATIONALISM, AND THEIR CONCEPTS IN THE 19TH AND 20TH CENTURIES

ABSTRACT: This chapter proposes the study of the history of the concept of nationalism in Central and Eastern Europe, taking into account two aspects in the use of the concept: (1) connection and disconnection of the State with nationality; and (2) the paradox of both imperialist states and political minorities, who, when legitimizing their state or claiming one, speak in favor of a pure nation. In methodological terms of research, discourse analysis is used, which consists of the study of language, which must be elaborated together with that of the society that produces it, since language is constituted in historical-social processes, as not only users of language are an integral part of social structures and collective agency, as their use by agents enables their maintenance, renewal and aggregation of new or reframed terms.

KEYWORDS: Nationalism, State, Nation, Nation-state.

Tenho uma objeção central à tese de Anderson. Se os nacionalismos do resto do mundo têm que escolher suas comunidades imaginadas entre certas formas “modulares”, já colocadas a seu dispor pela Europa e pelas Américas, que lhes resta imaginar? A história, ao que parece, teria decretado que nós, do mundo pós-colonial, seremos apenas perpétuos consumidores da modernidade. A Europa e as Américas, os únicos verdadeiros sujeitos da história, elaboraram, em nosso benefício, não apenas o roteiro do esclarecimento e da exploração coloniais, mas também o de nossa resistência anticolonial e o de nossa miséria pós-colonial. Até nossa imaginação tem que permanecer perenemente colonizada.

Partha Chatterjee. Comunidade Imaginada Por Quem?

1 | INTRODUÇÃO

“Ninguém discorda de que o nacionalismo tem estado ‘por aí’ na face da Terra há no mínimo dois séculos” (ANDERSON; 1996:7), escreveu Benedict Anderson na década de 1990. Vezes o nacionalismo é um sentimento, um amor por uma pátria ou um ódio; vezes se manifestou como identidade; de várias formas serviu como uma ferramenta política para distintos espectros políticos, e, no interstícios dessa dicotomia, para moderados e radicais; já operou como dispositivo retórico tanto da emancipação quanto como discurso legitimador para que se subjugue as diversas formas que o Outro assume ou é representado. B. Anderson diz que já está presente há bastante tempo, o suficiente para ter sido entendido. Contudo, “é difícil pensar em um fenômeno político que continue tão intrigante quanto este e sobre qual haja menos consenso analítico” (ANDERSON; 1996, 7). Não há concordância sobre sua origem e seu futuro continua incógnito. B. Anderson, mais uma vez na década de 1990, indaga que

o mal-estar se acentua: considerando-se o vasto papel que o nacionalismo desempenhou em dois séculos de política mundial: por que tantos pensadores [...] da modernidade [...] tiveram tão pouco a dizer sobre ele (ANDERSON; 1996: 7)?

Não é arriscado dizer que nesse final de primeiro quartel do século XXI o mal-estar continua. Não há qualquer definição ou sistema que fora aceito de maneira vasta e “ninguém foi capaz de mostrar de forma conclusiva sua modernidade ou antiguidade”, Anderson completa. Depois de já ter recebido as críticas à sua obra (e, provavelmente, após tê-las digerido), especula que “aos poucos foi ficando claro que só era possível pensar no nacionalismo em termo comparativos e globais, ao mesmo tempo em que só era possível senti-lo – e agir politicamente com base nele – em termos particulares” (ANDERSON, B. 2000; 08). Sendo assim, Eric Hobsbawm acrescenta que “conceitos, certamente, não são parte de discursos filosóficos flutuantes, mas são histórica, social e localmente enraizados e, portanto devem ser explicados em termos destas realidades” (HOBSBAWM; 1990: 18).

Desse modo, em um tema com tão pouco consenso analítico, para que possamos de algum modo contribuir, daremos ênfase nas comparações das propriedades teóricas entre os pares que ao mobilizarem o conceito de nacionalismo, vinculando ou desvinculando a nacionalidade do Estado.

21 NACIONALISMOS. DA POLÍTICA À IDENTIDADE, DA IDENTIDADE À POLÍTICA: UMA SOMBRA NOS SÉCULOS XIX E XX

Devemos fazer a pergunta: o que é nacionalismo? É um fenômeno político, cuja forma plástica é extremamente versátil. Se observarmos como ilustração – e realmente apenas como isso – o lema da revolução francesa – *liberdade, igualdade e fraternidade* – localizaremos o nacionalismo na fraternidade. É a nação, seu sentimento, sua propaganda e tradição, que pode ter ou não um Estado, que a acolha ou que a massacre, ou ainda, que use dela – da nação – para empreender. A nação se configura com ou sem Estado, isto é, ela pode ou não construir um Estado que a sirva; mas, também, pode ser produzida e fomentada por um Estado, como uma proposta política, fundamentalmente alicerçada numa identidade coletiva, e, portanto - por se tratar de um *processo civilizador* (ELIAS; 2011) - é sempre opressiva. O nacionalismo, sendo um fenômeno político, é uma expressão coletiva de identidade que se imagina de múltiplas formas e se desenha – nas várias expressões que possui – com uma sorte enorme de ferramentas, e, portanto, também deve ser analisada em suas particularidades.

Para se pensar o conceito de nacionalismo e suas possibilidades devemos nos ater aos conceitos de Estado-nação, Estado e nação. Sendo assim, o Estado-Nação, segundo Octavio Ianni, deve ser compreendido como o governo, as instituições e a sociedade civil, em uma variedade de formatos e de disputas de classes e forças sociais, cujas condições de possibilidades desafia indivíduos e coletividades, nações e nacionalidades (IANNI; 2000: 105). Ao passo que, para Lenin, o Estado deve ser cirurgicamente compreendido como um produto da luta de classes (LENIN; 2010: 14), com seu antagonismo inconciliável, e, a nação, para Benedict Anderson, é definida como um “Comunidade Imaginada”; por uma condição nacional (*nation-ness*), que é uma imagem carregada de uma fantasmagoria, sendo “o valor de maior legitimidade universal na vida política dos nossos tempos” (ANDERSON; 2008: 28), e, na sequência, Anderson entendia o nacionalismo como política de Estado de um Estado-nação, cuja definição é errática e o caráter é plástico, servindo politicamente aos marxismo e aos liberais, e, - devo acrescentar - sendo um ou outro, sempre esteve servindo ao imperialismo (ANDERSON; 2008: 37 a 39).

Volvendo o olhar para a ilustração do lema da Revolução de 1879, não se trata de uma dicotomia entre, num semblante geral, as ideias de liberdade e igualdade, que, nessas formas modernas de se expressarem, dividem o mundo já tem dois séculos. É um tripé, pois existe a “fraternidade” enlaçando essas duas ideias, sendo a liga coercitiva que permeia o tecido social dos povos, cada um à sua maneira.

Além de ser um fenômeno político, o nacionalismo é uma ideia. Lord Acton, um intelectual de Nápoles que vivia em Londres na década de 1860, foi quem deu o alerta; diagnosticou e advertiu a comunidade para aquilo que chamaram de “nacionalidade”, como algo perigoso, como uma dentre três das ideias subversivas modernas: “[...] a mais atraente no momento atual e a mais rica em promessa de poderio futuro” (LORD ACTON; 1996: 25). Ele se referia à repartição do território da Polônia pelos Estados absolutistas que a tinham como inimiga, evento que “despertou a teoria da nacionalidade na Europa, convertendo um direito adormecido numa aspiração e um sentimento de reivindicação política” (LORD ACTON; 1996: 27).

As primeiras contribuições sobre o nacionalismo foram pontuais e ocasionais. Aos poucos, o interesse pela questão foi crescendo, transformando-a numa preocupação central para os teóricos políticos europeus. Foi somente no prelúdio da Grande Guerra que Otto Bauer (1881-1938) elaborou um estudo comparativo e teórico segundo o qual o socialismo e o nacionalismo eram compatíveis. Ele define – referindo-se à Alemanha e ao Império Austro-Húngaro - o caráter nacional, explicita a diferença entre uma comunidade natural e comunidade cultural, mostra como o capitalismo moderno se relacionou com a comunidade cultural nacional e caracteriza a realização dessa comunidade cultural nacional pelo socialismo (BAUER, 1996, p. 46-81).

Após as muitas querelas quanto ao nacionalismo, que passam pela ascensão do bolchevismo em Petrogrado, a URSS de Stálin, a Liga das Nações e suas formas de legitimação da nacionalidade, a democracia liberal ocidental e o fascismo (que também valorizava intensamente a nacionalidade), foi Ernest Gellner quem retomou a questão, apontando o nacionalismo como uma “resposta necessária” às transformações que o mundo sofrera com o advento da sociedade industrial. B. Anderson diz que “Dentro do espírito euro cosmopolita do Iluminismo, Gellner entendia o nacionalismo em termos globais e sociológicos, numa visão de cima [...]” (ANDERSON, 1996, p. 17). Contudo, na mesma década de 1960, Miroslav Hroch, em Praga, publicou um balanço comparativo de um conjunto de movimentos nacionalistas de pequenos países da Europa Oriental e Central. O autor se debruça sobre um objeto, de certa forma, oposto ao de Gellner: a formação antropológica da nação, fragilizando a relação entre o triunfo do nacionalismo e a modernidade capitalista (HROCH; 2000: 85 a 106).

Para formar o eixo teórico no qual estão os demais autores e Gellner e Hroch se polarizam, e trabalhar as tensões e paradoxos que o emprego do conceito de nacionalismo teve, devemos recorrer à obra “Continente Sombrio – A Europa do Século XX”, de Mark Mazower, pois esta versa sobre o processo que seguiu da primeira guerra: o suicídio dos impérios para o triunfo do nacionalismo – a custo de sangue, guerra e revolução. A lealdade do súdito, que passou a ser cidadão, deslocou de uma dinastia para uma nação – étnica. Desta empreitada do Estado-nação de que “só os membros da nação [etnia] poderiam

ser cidadãos do Estado”, como pregava o programa do partido nazista de 1920, houve o advento das “minorias políticas” e da “democracia excludente”.

Podemos observar nesse sentido - recorrendo também a “Era dos Impérios” de Eric Hobsbawm e as “Linhagens do Estado Absolutista” de Perry Anderson, e, mantendo um olhar mais atento no oriente europeu - como o nacionalismo operava dentro do Império Russo, do Império Austro-húngaro e do Império Turco: em contraposição e ambivalência, como empreendimentos desses impérios, cada qual com o seu, por meio de capital nacional e internacional, da burocracia, da força militar e, principalmente, dos próprios projetos nacionais destes: *russificação*, *margiarização* e *turquificação*, respectivamente, levanto em conta as estruturas administrativas, financeiras, militares e culturais de cada um desses impérios.

Do déficit financeiro russo, aquele que, década após década, colocava o Estado rumo ao naufrágio através da engessada e antiquada relação com a nobiliarquia da qual não podia se desfazer, ao mesmo tempo que o capital do ocidente europeu drenava outra parcela da receita com a expropriação dos sobre-produtos; dos decadentes Habsburgo no Império Austro-húngaro, empreendendo a *margiarização* num país praticamente sem margiaris, atrasados industrialmente, estorvados de uma pesada burocracia e gerais com pouca criatividade nos exércitos; até os turcos, que também não foram capazes de suprir o atraso tecnológico e industrial, e, também, sucumbiram aos déficit financeiro e em revoltas internas no episódio da Primeira Guerra.

A partir disso, busca-se mostrar o desenvolvimento de um cenário imperialista – muito bem explicitado por Hobsbawm, Mazower e Paul Bushkovitch -, adensado pela política internacional que dialogava e interferia diretamente nas nacionalidades insurgentes – as minorias políticas – no oriente europeu, até a culminação da Primeira Guerra. A política internacional e as guerras no oriente europeu são fatores relevantes que merecem a devida atenção, pois, evidentemente, lançam importantes bases para se compreender – dessa vez visto mais da perspectiva das nações envolvidas na corrida imperialista – como processo do imperialismo operou em paradoxos e em relações diretas com as nacionalidades (minorias) insurgentes. Para tal, Paul Bushkovitch, também faz um balanço interessante, em especial quanto ao final do século XIX, sobre as questões referentes aos Balcãs e a Polônia, nas quais, tanto uma Inglaterra ao longe, quanto uma Alemanha de Bismarck recentemente unificada mais de perto, participam, juntamente com o Império Austro-húngaro e Turco, numa série de tratados da década de 1870 até 1918 envolvendo as nacionalidades – de minoria política – no oriente europeu (BUSHKOVITCH; 2011: 285-298).

Apresenta-se o fracasso da *margiarização* e da *turquificação* no Balcãs, porém, no contraponto, como a nova Rússia, no momento a União Soviética de Lênin, congregou e comtemplou – com várias limitações – as várias nacionalidades no que se pode chamar de pacto federativo. Para tanto, basta que se observe os debates de Lênin com federalismo de Bund, de modo a compreender o nacionalismo, junto as ideologias (republicana,

democrática, liberal e socialista, ou combinações entre estas) que no momento, através da nova – talvez reinventada, mas de forma moderna – democracia excludente, disputavam as nações.

“Uma cultura, um Estado; um Estado, uma cultura” (GELLNER; 2000: 119), é a máxima de Ernest Gellner. De outro lado, Hroch, segue discorrendo sobre uma sequência de movimentos nacionalistas e os dividindo em categorias de maturidade na reivindicação de um Estado durante a primeira metade século XX. Nessa aspiração política de uma nação, de um Estado ou de um Estado-nação, e nas mobilizações do conceito de nacionalismo, tanto dos Estado-nações imperialistas, por assim dizer, como das minorias políticas se sublevando, explicita-se os paradoxos, contradições, transformações e, principalmente, a plasticidade do uso desse determinado conceito. Bem como, através do princípio da autodeterminação nacional, Lênin, numa enorme querela entre os nacionalistas e a revolução, conseguiu uma solução federal para as complexidades étnicas existentes – que foi bem visto pelas minorias que foram vítimas do namoro de Versales, e seu tratado, com o Estado-nação (MAZOWER; 2001: 53, 55 e 60-62). Desse jargão, da esquerda à direita política, em que o conceito de nacionalismo serviu e mostrou sua plasticidade, a interrogação fundamental de Mark Mazower emerge latente: será que um mundo de Estado-nação seria um resultado desejável?

Na década de 1970, Anthony Smith, seguindo uma linha também anti-gellneriana, publicou textos sobre nacionalidade e nacionalismo, analisando as sociedades pré-modernas e baseando o nacionalismo em comunidades antigas e étnicas, como os judeus. O balanço de Smith aponta continuidades e descontinuidades na atração dos povos pela nação, e critica certa visão “modernista”, que tenderia a reduzir os nacionalismos a construtos modernos e atribuir a eles boa parte dos “males do mundo”. Para Smith, “Se este veredicto é justificável, no tocante a um fenômeno tão multiforme quanto o nacionalismo, é uma questão em aberto. Mas a análise subjacente da qual ele brota, embora gere muitas descobertas fascinantes, suscita tantos problemas quanto resolve (SMITH; 1996: 194, 204-205).

O debate avançou para à década seguinte em um tom de revisão. John Breully continuou na linha oposta de Gellner, mas criticou o continuísmo de Smith ao resgatar o caráter político do nacionalismo (BREULLY; 1996: 179-181). Partha Chatterjee vislumbrou, aos olhos da Europa, no que toca o nacionalismo, os problemas do imperialismo. Ele criticou Gellner, mas, na década seguinte, de modo mais acentuado, deslocou o foco da crítica para Benedict Anderson, mostrando que há outras formas de imaginar as nações e comunidades, sem se prender ao Estado, e sem que o pensamento seja determinado pela modernidade (CHATTERJEE; 1996: 229).

O debate, entre Tom Nairn e Eric Hobsbawm, companheiros de marxismo, mas adversários políticos, tem peso relevante e um balanço esclarecedor, apesar de não conclusivo. Esses debatem os grandes “Estados” multinacionais “integrados”, (entre esses

a União Soviética) que acabaram por provocar, segundo Anderson, “a maior destruição humana de nossa época” (ANDERSON, 1996, p. 21).

3 I COMO SE ABORDA METODOLOGICAMENTE O NACIONALISMO

Em termos analíticos, trata-se de duas questões: (1) a vinculação e a desvinculação entre nacionalidade e Estado, como, por exemplo, na segunda metade do século XIX e primeiro quartel do XX, Bauer e Acton, respectivamente, propuseram; com a mesma seara entre Gellner e Hroch na década de 1960, e, também, com a desvinculação entre o mesmo par elaborada por Chatterjee na passagem para década de 1990; e (2) de uma tensão, que é um problema do Estado-nação moderno, cujo paradoxo-problema se localiza, de uma lado, no sonho de uma nação pura; em torno de um Estado que deve sua soberania ao “povo” e, esse mesmo “povo” é definido por uma nação específica. E, do outro lado, tem-se a questão das minorias políticas, étnicas, dentro de um Estado-nação, que reivindicam para si um Estado próprio, mas, ao fazerem, não deixam de discursar em prol de uma nação – étnica - pura. Desse modo, localiza-se aqui um dos maiores problemas do século XX.

No que toca a pesquisa, por um lado, trata-se de uma comparação dos nacionalismos – exequível. Uma comparação de seus conceitos, como produtos discursivos de suas historicidades específicas, e, em um local determinado. Veem as nações; veem-se, na sequência, os nacionalismos. Veem os nacionalismos, à reboque as nações. Os autores, incluindo Anderson e Hobsbawm, se dividem entre as duas afirmações anteriores, e, dentro dessas opções há mais divergências. Todavia, no que trata a mobilização do conceito, como discurso e opção ideológica, não é possível montar um sistema.

Como contribuição, trata-se, primeiramente, de retomar. Como disse Louis Althusser, referindo-se à teoria marxista, “não me desculpo por retomá-la. Retomá-la-emos sempre que for necessário, e por tanto tempo quanto for necessário, isto é, enquanto não tiver sido resolvida” (ALTHUSSER; 2010: 13-14). Althusser, contudo, em seu “corte epistemológico” entre a história ideológica e a história científica, elabora que essa volta; essa retomada, é cabível à toda teoria. Por isso devemos voltar e colocar, na conjuntura atual, ênfase sobre os problemas teóricos, sem que isso se constitua num fetichismo de historiador ou erudito. “Não se trata de ‘fugir’ do presente para um passado, mesmo que ilustre. Trata-se do nosso próprio presente” (ALTHUSSER; 2010: 19), como, para o bem ou para o mal, é o caso da teoria acerca do nacionalismo.

Como metodológica para investigação a análise do discurso se mostra muito apropriada, pois esses discursos não estão isolados, portanto, possuem estreita ligação com os agentes políticos que os utilizam, e que, por sua vez, são resultado de uma opção ideológica. Esta ideologia não está separada do sujeito. Através dela se evidencia o sentido que é partilhado entre parte da sociedade, e este sentido é o efeito da conjuntura social histórica dada. Portanto, trata-se de uma análise que busca saber as condições

e performances de determinadas mobilizações teóricas do conceito de nacionalismo resultantes de opções políticas que se apresentam nos discursos elaborados. Segundo Orlandi, o estudo da linguagem deve ser elaborado conjuntamente ao da sociedade que a produz, pois a linguagem é constituída nos processos histórico-sociais (ORLANDI; 2006: 22). Não só os usuários da língua são parte integrante das estruturas sociais e dos agenciamentos coletivos, como a sua utilização por parte dos agentes possibilita a sua manutenção, renovação e agregação de termos novos ou ressignificados.

[...] Quando se diz algo, alguém o diz de algum lugar da sociedade para outro alguém também de algum lugar da sociedade e isto faz parte da significação. [...] É o lugar assim compreendido, enquanto espaço de representações sociais, que é constitutivo da significação discursiva. É preciso dizer que todo discurso nasce de outro discurso e o reenvia a outro, por isto não se pode falar em um discurso, mas em estado de um processo discursivo, e esse estado deve ser compreendido como resultado de processos discursivos sedimentados, institucionalizados.[...] o sujeito que produz linguagem também está reproduzido nela, acreditando ser a fonte exclusiva de seu discurso, quando, na realidade, retoma um sentido preexistente. (ORLANDI, 2006, p.26).

A relação de sentidos ocorre pela intertextualidade, que desdobra um texto em outros textos externos a ele, mas que lhe agregam informações. Assim, na leitura de um texto produzido por um autor tcheco ou britânico é importante não só recolher os dados, mas observar porque eles estão dispostos naquele lugar e daquela forma. Ao efetuar a análise de discurso, operamos com paráfrases e polissemia, com o interdiscurso, a metáfora e a formação imaginária que, presentes nos textos, compõem estruturas significantes que são resultantes das experiências dos autores. É necessário entender o funcionamento desses dispositivos da linguagem para percebermos os elementos históricos e culturais que permeiam e definem o olhar de quem escreve, observando que texto e autores são fruto de um lugar social.

Na avaliação dos textos históricos produzidos no período utilizar a análise de discurso é uma opção certa, mas, para avaliar a construção histórica e o papel dos autores como historiadores – e aí sim, como uma modesta sugestão -, é interessante se traçar um diálogo com o texto “Operação historiográfica” presente no livro *A escrita da história*, de Michel de Certeau. Nele, particularmente, são substanciais os mecanismos da produção do texto histórico e o trabalho sobre a fonte, uma vez que, para estudar o nacionalismo, usamos “obras históricas”, correspondências, manifestos e panfletos e programas partidários como objeto de investigação de discursos.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. *Ler O Capital*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. _____. **A querela do humanismo (I) e (II)**. *Crítica marxista*, n.9, 2010.

ANDERSON, B. **Introdução**. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. São Paulo: Contraponto, 2000.

ANDERSON, Benedict. **Raízes Culturais. Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado Absolutista**. Editora Unesp, 2016.

BAUER, Otto. **A nação**. In: BALAKRISHNAN, G. org. *Um mapa da questão nacional*. São Paulo: Contraponto, 2000.

BREUJILLY, Jonh. **Abordagens do nacionalismo**. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. São Paulo: Contraponto, 2000.

BUSHKOVITH, Paul. – **História Concisa da Rússia**. Cambridge press. (2011)

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CHATTERJEE, P. **Comunidade Imaginada por quem?**. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. São Paulo: Contraponto, 2000.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Zahar. RJ: 2011

GELLNER, E. **O advento do nacionalismo e sua interpretação: os mitos da nação e da classe**. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. São Paulo: Contraponto, 2000.

GELLNER, E. **Culture, Identity, and Politics**. Cambridge University Press, 1993.

GOPAL, B. (org). **Um Mapa da Questão Nacional**. RJ: Contraponto, 2000.

GUIBERNAU, M. **Nacionalismo. O Estado Nacional e o Nacionalismo no Século XX**. Rio de Janeiro, 1997.

HOBSBAWM, E. **A Era dos Extremos**. Editora Companhia das Letras, São Paulo, 2014

HOBSBAWM, E. **A Era dos Impérios**. Editora Paz&Terra, São Paulo, 2015

HOBSBAWM, E. **Nações e nacionalismo desde 1780**. RJ: Paz e Terra, 1990.

HROCH, Miroslav. **Do movimento nacional à nação plenamente formada: o processo de construção nacional na Europa**. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. São Paulo: Contraponto, 2000.

HROCH, Miroslav. **European Nations**. Verso: NY; 2015.

IANNI, Octavio. **Globalização e a nova ordem internacional**. In: REIS FILHO, D. A.; FERREIRA, J.; ZENHA, C., org. *O Século XX, o tempo das dúvidas: do declínio das utopias às globalizações*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LENIN, V. **O Estado e a Revolução**. SP: Expressão Popular, 2010.

MAZOWER, M. **Continente Sombrio. A Europa no século XX**. SP: Cia das Letras.

NAIRN, Tom. **O internacionalismo e o segundo advento**. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). Um mapa da questão nacional. São Paulo: Contraponto, 2000.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

SMITH, Anthony. **O nacionalismo e os historiadores**. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). Um mapa da questão nacional. São Paulo: Contraponto, 2000.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72

B

Beowulf 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167

C

Cinema 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115

Cocanha 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

E

Economia 12, 14, 15, 20, 39, 42, 44, 45, 56, 57, 59, 60, 84, 86, 92, 96, 97, 104, 105, 169, 172, 173

Egito 116, 117, 121, 123, 126, 127, 128, 130, 131, 132

Entorpecentes 46, 48, 49, 53

Escassez de Água 81, 90

G

Governo da Província 39, 44

H

Hegemonia Neoliberal 95

História 1, 10, 12, 14, 28, 37, 39, 44, 45, 53, 56, 62, 71, 79, 81, 82, 93, 103, 106, 114, 115, 116, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 147, 148, 149, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 167, 168, 180, 182

História Ambiental 81, 82, 93

História Serial 141, 142

I

Idade Média 157, 168, 169, 172, 173, 175, 180, 181

Identidade Nacional 51, 80, 142

Imperialista 33, 56, 57, 61

Indígenas 74, 77, 78, 79, 84

M

Migração 14, 27, 90, 95, 108, 110, 114

Modelo Nomológico-Dedutivo 134, 137, 138, 139

Morte 75, 117, 124, 125, 126, 128, 131, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 158, 159

N

Nacionalismo 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 61, 142




P

Presença Lusitana 149, 150, 151


T

Testamentos 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Tráfico 46, 48, 49, 50, 51, 54, 55

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 2